

Título:

Como os Grupalistas Portugueses manejam a Conflitualidade e a Agressividade emergente nos Grupos: Conceptualização Teórica e Aspetos Técnicos

Autores:

Mário David

Preambulo

O presente artigo foi elaborado em resultado de obrigações do autor enquanto Delegado da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo à Secção de Grupos da Federação Europeia de Sociedades de Psicoterapia Psicanalítica na qual a nossa sociedade científica participa como membro de pleno direito e pela circunstância do tema da última Conferência Internacional da EFPP ter sido sobre: “O Conflito e a Reconciliação nos Grupos, nos Casais, nas Famílias e na Sociedade”, a qual decorreu na cidade de Atenas (Grécia), nos finais do mês de Maio de 2012. A participação nesta Conferência através de um painel, motivou os delegados (Dr.^a Isaura Neto e o autor) para a elaboração de duas comunicações, uma das quais foi sobre como os grupalistas portugueses encaram, pensam e manejam as manifestações de agressividade nos grupos em processos grupalíticos, no que se refere a aspetos teóricos e a perspectivas técnicas, assim como, na apresentação de um modo sucinto, da bibliografia portuguesa existente sobre estas questões.

Introdução

As questões relacionadas com a **conflitualidade e a agressividade emergentes nos grupos** são temas algo evitados na sua abordagem pública, tanto entre nós, como a nível do movimento grupalítico internacional. No entanto, elas são assuntos habituais nos nossos encontros mais privados, nomeadamente, **nas sessões de supervisão e os grupos de discussão**

clínica porque a **conflitualidade e a agressividade** são fonte de importantes perturbações para uma adequada e sustentada evolução dos processos grupais, em particular, quando elas não são reconhecidas ou entendidas adequadamente por nós, grupalistas ou psicoterapeutas analíticos de grupo, pois elas irão promover aumentos significativos nos riscos de ruptura e ou de destrutividade nos grupos.

Um outro aspeto prévio a realçar, trata-se do número muito limitado de trabalhos encontrados na bibliografia especializada que eu julgo ficar a dever ao evitamento, ao desprazer e à dor mental que estes temas tão sensíveis e difíceis de analisar de um modo objetivo, nos provocam quando nós tomamos consciência dos **nossos afetos e sentimentos contratransferenciais resultantes em parte, das nossas dificuldades narcísicas e ou das nossas necessidades, em termos de auto estima e ou de autoconfiança, tanto em relação à nossa identidade pessoal, como à nossa identidade profissional.**

Começo por vos relembrar de que os **conflitos são quase sempre um reflexo da luta entre as pessoas pela expressão dos seus diferentes desejos ou devido a uma tomada de consciência sobre uma qualquer discrepância ou divergência de vivências ou sobre uma eventual frustração provocada pelo “Objeto” ou ainda derivada das ações de rejeição por parte do “Sujeito”**, tal como, escreveu Fahad Dalal: *“conditioned by their sensibility and detection capacities, to the “small differences” between narcissisms”* (Dalal, 1998).

A emergência dos conflitos é algo de natural, através da qual se desenrolam verdadeiras e necessárias lutas entre as pulsões libidinais e agressivas provindas de cada membro do grupo, sendo o enquadramento grupal **o cenário mais apropriado para a sua revelação** (Neto, 2000). Eles podem começar de um modo mais ou menos indireto e dissimulado ou de um modo direto e mais aberto, sob diferentes configurações, tais como, explosões, raivas, ciúmes, invejas, etc.

Além disso, os fundadores do movimento grupalístico, nomeadamente M. Foulkes e E.J. Anthony (Foulkes & Anthony, 1957/1984) consideraram que as **expressões de Conflitualidade e de Agressividade seriam muito importantes, necessárias e desejáveis para a manutenção dos processos grupais de coesão, de espelhamento e de identificação, os quais**

suportariam as características de criatividade, de integridade e de capacidade de cura dos grupos.

Os Conflitos e a Agressividade nos Grupos e para com os Grupos

A situação de “**se estar em grupo**” pode ser **em termos sociais, algo de normal**, para qualquer um de nós, dado nós termos nascido no seio de um grupo inicial, **a família** e ao longo das nossas vidas sermos inseridos em muitos outros tipos de grupos. No entanto, **as implicações emocionais e vivenciais de “se estar em grupo” são algo de bastante ambíguo**, pois em certos momentos, nós a iremos sentir como sendo uma experiência agradável, reconfortante ou mesmo estimulante e noutras ocasiões, como algo de difícil, complexo e complicado.

Além disso, nos **processos grupais** podem-se desencadear toda a espécie de diferenças, comparações, competições e alianças derivadas das diferenças entre os narcisismos de cada um dos presentes, os quais são alimentados por **fenómenos psicológicos individuais: de alternância, regressão, de progressão, de pertença, de individualização/submissão ou de vinculação/alienação**, quando eles enfrentam os diferentes processos grupais.

Por outro lado, **quando estes processos individuais se confrontam com os processos de grupo, eles estão na base de todo o tipo de alianças, confrontações e subgrupagens** dependentes de como cada membro no grupo avalia presença do Outro, como aliado, como competidor ou ainda como inimigo e também através daquilo que o Outro pensa, afirma ou por fim, por julgar que o Outro poderá representar como ameaça para qualquer um dos presentes.

Aliás, **os grupos, em si mesmos**, são fontes de forças generativas resultantes do movimento dialético entre forças criativas e destrutivas, tal como reconheceu Morris Nitsun, no seu livro o “Anti-Grupo”: “*o potencial em latência das dimensões destrutivas e agressivas no Grupo é tão importante e real, como é o potencial em latência dos poderes criativos*” (Nitsun, 1996). Estas **forças criativas** jogariam uma relação complementar com as **forças**

destrutivas intrínsecas ao grupo e que elas estariam relacionadas com alguns dos **aspetos paradoxais do seu funcionamento**:

Aspetos Paradoxais do Funcionamento do Grupo

- 1 – *O Grupo é uma coleção de pessoas inicialmente estranhas entre si*
- 2 - *O Grupo não é estruturado*
- 3 - *O Grupo é criado pelos seus membros.*
- 4 - *O Grupo é uma arena pública.*
- 5 - *O Grupo é uma entidade plural.*
- 6 - *O Grupo é uma experiência complexa.*
- 7 - *O Grupo cria tensões interpessoais.*
- 8 - *O Grupo é imprevisível.*
- 9 - *O Grupo flutua nos seus progressos.*
- 10 - *O Grupo é uma experiência incompleta.* (Nitsun, 1996)

Todos estes aspetos paradoxais no funcionamento dos grupos favorecem o aparecimento de angústias difíceis de conter, especialmente, em indivíduos com personalidades mais frágeis, pressionando-os ao abandono da situação de grupo ou à emergência de toda a espécie de conflitos.

Podemos afirmar que a **conflitualidade** vai sempre aparecer por diferentes razões, **ao longo do processo grupal**: seja pela patologia dos analisandos; seja pela seleção realizada pelo grupalista ou devido às dinâmicas provocadas pela emergência de repetições traumáticas do passado.

Enfim tudo isto estará na base das **ansiedades, angústias e afetos** que são o suporte para as revelações nos relacionamentos entre os membros do grupo, **tanto de aspetos normais, como de aspetos patológicos da agressividade**. Para Ângela Molnos (Molnos, 1986) a **agressividade normal** participaria nos processos de cura, sendo libertadora e esclarecedora das relações afetivas interiorizadas que ocorrem entre os membros do grupo; enquanto **os aspetos patológicos da agressividade** seriam de expressão mais tardia, deslocados do “Objeto” que originariamente os tinha(m) provocado ou conectado com o(s) facto(s) que escondem a verdadeira situação agida desencadeante e que podem atingir níveis de perigosidade quando não são claramente experienciados. Assim, para estas autoras, estes **aspetos patológicos da agressividade** necessitam de serem elaborados e transformados em algo de mais construtivo, **em agressividade curativa**. Isaura Manso Neto disse em 2000, numa apresentação oral: “a agressividade tem de ser diagnosticada em termos das suas origens e significados” (Neto,

2000; pp.4) e nessa mesma comunicação, ela apresentou uma listagem sobre os tipos de fenómenos ligados à sua expressão fenomenológica em Grupanálise e na Psicoterapia Analítica de Grupo:

Fenomenologia da Expressão Agressiva em Grupanálise
e na Psicoterapia Analítica de Grupo:

- *Atitudes (verbalizações, mímica, comportamentos) hostis em relação ao grupo, a qualquer membro ou ao grupalista/psicoterapeuta, reconhecidas no seu carácter destrutivo pelo próprio – de fácil diagnóstico*
- *Atitudes manifestamente hostis ou desadequadas não reconhecidas no seu carácter ofensivo pelo próprio*
- *Silêncios demasiado prolongados*
- *Agravamentos sintomáticos (psicológicos e psicossomáticos).*
- *Aparecimento de novos sintomas*
- *Reações terapêuticas negativas*
- *Faltas/atrasos frequentes*
- *Atrasos nos pagamentos*
- *“Drop-outs”*
- *“Acting-outs” (facto consumado)*
- *Excessiva/prolongada idealização do psicoterapeuta (Neto, 2000; pp.4)*

A Literatura Grupalítica Portuguesa

O autor realizou uma pesquisa sistemática aos trabalhos publicados pelos colegas portugueses em revistas grupalíticas de língua portuguesa, no “website” da nossa sociedade científica, assim como, em trabalhos apresentados em reuniões científicas, em Portugal e no Estrangeiro. Ele conseguiu apurar os seguintes dados:

- Estes temas foram motivo alguma reflexão clínica e de conceptualização teórica, desde a década de 70/80, por exemplo, através de Eduardo Luís Cortesão o qual se referiu a uma **transferência hostil** a ocorrer nos grupos, a qual estaria ligada resistência. Esta **transferência hostil** seria derivada de fantasias, ora libidinais, ora agressivas. Contudo esta agressividade seria sempre de natureza defensiva e ela revelava

sempre a necessidade de controlo sobre os objetos num contexto de regressão oral - canabalística (Cortesão, 1989/2008; pag.237-40). Este autor mencionou sobre “*diferentes fenómenos negativos em torno das invejas dos participantes em relação às interpretações do grupalista como forma de resistência a novos “insights”... e “As fantasias hostis e as reações desencadeadas na matriz grupal pela inveja” ... ou... “a admiração acomodatória em resposta às interpretações pertinentes e assertivas de um dos elementos do grupo”* (Cortesão, 1989/2008; pp: 241-242).

- Mais tarde, Eduardo Luís Cortesão (1991) publicou um artigo na revista Group Analysis (GAS) sob o título: “*Group Analysis and Aesthetic Equilibrium*”, nele se referiu a um conceito da “**elaboração pelo negativo**” ou “**elaboração negativa**”, no qual o grupalista aceita trabalhar com as emoções negativas como parte da sua função terapêutica e estabelece como função do padrão grupalítico, reconhecer, enfrentar, verbalizar estas emoções dolorosas de hostilidade, de raiva, de desespero, de perda e de inveja com a finalidade de ajudar o grupo no seu conjunto, a aumentar as suas capacidades de reconhecimento e de expressão dos seus sentimentos e conflitos, permitindo a todos os membros tentarem elaborar os aspetos mais difíceis e negativos das suas fantasias e comunicações.
- Isaura Manso Neto e colaboradores têm produzido diversas comunicações orais, desde o ano de 1993. Uma delas, intitulada de “**Agressividade e Narcisismo**” apresentada no 2º Encontro Luso-Brasileiro de Grupalise e Psicoterapia Analítica e 2º Congresso Nacional de Grupalise, em Lisboa, aonde a autora afirmou sobre a agressividade em grupos: “*Sem a análise da Agressividade, a restauração narcísica e o retomar da evolução do Self não me parece possível*” (Neto,1993; pag.2).
- Isaura Manso Neto (1993, 2000, 2007) tem vindo a explicar uma visão sua sobre como ela considera que nós, psicoterapeutas devemos trabalhar / elaborar as comunicações e as posturas agressivas, seja em enquadramentos de análise individual ou em enquadramento de grupo pois esta autora considera existirem certos momentos a ter em conta e

certos passos a percorrer, no manejo destas situações que são difíceis para todos os analistas, incluindo, os grupanalistas.

- Francisco, Salgado & Teresa Silva Pinto (2000) publicaram um trabalho sobre a “Rivalidade Fraternal em Grupalização” na Revista Portuguesa de Grupalização, aonde eles mencionaram que a rivalidade fraternal aparece, como um dos níveis de transferência nos processos grupais, de acordo com a conceptualização de David Zimerman (2000), e está relacionado com a “**matriz familiar**”: as invejas e os ciúmes entre os irmãos e que também se trata de uma expressão da Hostilidade / Agressividade entre os membros conectada com as questões da Identidade / Individualidade, pois eles escreveram: “*a conflitualidade / afetosidade decorrente da relação fraternal faz emergir a problemática ligada à Identidade*” (Salgado & Silva Pinto, 2000).
- Teresa Bastos Rodrigues publicou um trabalho denominado: “*Agressividade e Violência no Grupo: Elementos de Transformação e Construção*” (Bastos Rodrigues, 2004) aonde ela distinguiu e clarificou as diferenças entre a **Violência propriamente dita da Agressividade**, nos seguintes termos: enquanto na **Agressividade** existem “*dois tipos de agressividade: uma destrutiva e predatória e uma construtiva e não predatória*”, esta **Agressividade Construtiva** será aquela que mais interessa aos Grupalistas, pois ela está na base da “*combatividade e energia que nós pretendemos ajudar a desenvolver no sentido da cura analítica*” e que “*está na base de atitudes e posturas humanas do tipo: predisposição para a Ação, acometimento, competição, empreendedorismo, etc.*” (Bastos Rodrigues, 2004, pp:122-123).
- No 34º GAS Winter Workshop “*Group analysis today: Concepts and Preconceptions*” que decorreu em Lisboa, nos dias 12 a 15 de Janeiro de 2005, Isaura Manso Neto & Maria João Centeno (2005) apresentaram uma comunicação oral sobre a possível existência de crise na Psicanálise e na Grupalização, aonde elas mencionaram que deve existir “*uma imperiosa necessidade de, pelo menos, na análise didática, a agressividade e a transferência negativa sejam bem analisadas*” (pag.7) ou “*um importante fator no processo interno em grupalização é a consciencialização dos vínculos fraternos, nomeadamente, o ciúme e a inveja*” (pag.11) e também ... “*um “good*

enough” analista não deveria ser avaliado pela quantidade de intervenções, mas pela sua abertura de espírito e pelo ritmo que ele imprime, pela aceitação e elaboração de novos conhecimentos nomeadamente, o conhecimento sobre as emoções e os sentimentos que são mais difíceis de aceitar, tais como, a inveja, o ciúme e as variadas formas de agressividade incluindo a chamada transferência negativa” (pag.13) (in Neto & Centeno, 2005).

- Desde o ano de 2010, que o tema “O Mal” tem sido objeto de interesse científico por parte de um grupo de estudos da SPG&PAG.
- No mesmo ano, Isaura Manso Neto e Francisco Vieira Dinis publicaram um trabalho intitulado: “*O Mal, a Maldade, Violência e Terrorismo*” (2010) publicado na RevistaOnline do “Site” da SPG&PAG. Eles desenvolveram as bases para um modelo de compreensão sobre a agressividade envolvendo fatores de grupo e individuais, fatores genéticos e bioquímicos, os fatores psicológicos e relacionais e ainda os fatores socioculturais (ideologias fundamentalistas, organizações familiares disfuncionais) e finalmente, os traumas históricos e as crises sociais.
- Finalmente algumas vinhetas clínicas que foram apresentadas publicamente e que realçaram alguns aspetos **da conflitualidade e agressividade nos grupos**:
 - “*Empathic Failure - One of the Most Destructive Forms of Mental Functioning*” (Neto, 1996). Oral Presentation no 10th European Symposium in Group Analysis “*Destruction and Desire*”, Copenhage, Dinamarca, de 24 a 29 de Agosto 1996.
 - A) “*A Perturbação Empática - uma das formas mais destruidoras do funcionamento mental*” (Neto,1996a) na Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, S. Paulo, Brasil.
 - B) “*The transforming potential in the expression of aggressiveness in a group of predominantly psychotic patients*” (Neto, 1999). Oral presentation at the 2nd European Conference on Group Psychoanalytical Psychotherapy: “*From Fragmentation to Cohesion – Indications for Group Analytic Psychotherapy*” – Barcelona, Espanha, de 28 a 30 de Maio de 1999.

Como os Grupanalistas Portugueses manejam tecnicamente a Conflitualidade e a Agressividade emergente nos Grupos

Enquanto Delegados da SPG&PAG para a EFPP Isaura Manso Neto e o autor promoveram uma reunião teórica no SELC, a 3 de Março de 2012, sob o título desta mesma comunicação. Nessa ocasião, Isaura Manso Neto apresentou um trabalho denominado: *“Lidar com o Conflito e a Raiva em Grupanálise: Como um Grupanalista poder ser suficientemente bom ou mau”*, o qual tinha sido apresentado no último Congresso Europeu da Grupanálise, em Londres, no mês de Agosto de 2011. Seguiu-se uma muito ampla e acalorada discussão com todos os presentes durante mais de 2 horas. As suas contribuições foram o mais fielmente registadas pelo autor, para uma posterior análise de conteúdo, da qual resultou a elaboração de **uma classificação por categorias quanto às diversas origens dos fatores contributivos na promoção da agressividade durante as interações nos processos grupais: a nível individual, nós teríamos os fatores originários dos membros do grupo e os fatores originários no condutor/grupanalista e ao nível do grupo no seu todo, outros fatores relacionados com o enquadramento grupal e com as condições prévias do grupo.**

Quanto aos Fatores Contributivos a Nível Individual:

A) Provenientes dos Membros do Grupo:

- ❖ **Dificuldades Narcísicas no Funcionamento Mental**
- ❖ **Núcleos Psicóticos no Aparelho Mental**
- ❖ **Aspetos Invejosos da Personalidade**
- ❖ **Tendências Agressivas Inatas**
- ❖ **Relações Simbióticas e Simbiotizantes na Primeira Infância**
- ❖ **Rivalidade Fraternal e o Complexo de Édipo**

Estas foram as questões com origem nos analisandos mais mencionadas pelos grupanalistas presentes. As duas primeiras, **as dificuldades narcísicas no funcionamento mental e os núcleos psicóticos no aparelho mental**, estariam na base de raivas narcísicas muito intensas (João Azevedo e Silva).

Seguiram-se os aspetos invejosos da personalidade, em particular as invejas mais primitivas, estas muito difíceis de se analisar pois elas suscitam

sempre grandes reações de **agressividade** (João Azevedo e Silva) e surgem associadas ao aumento de **risco de abandono do grupo** (Isaura Manso Neto).

Isaura Manso Neto lembrou de uma sua comunicação oral na qual ela relata que as tendências agressivas inatas encontravam-se presentes, *“em certas estruturas da Personalidade, nomeadamente, nas Perturbações de estado-limite, narcísica, antissocial e paranoide e ainda, em certos quadros nosológicos, tais como, na depressão, nas doenças psicossomáticas e na anorexia nervosa”* (Neto, 2000;pp.5).

Quanto às relações simbióticas e simbiotizantes na primeira infância, elas estão relacionadas com os medos e as necessidades de dependência em relação ao grupalista ou ao grupo, tendo Graça Galamba afirmado: *“Eles tendem a aparecer tanto, nas fases iniciais do processo grupalítico, como nas fases mais tardias, por exemplo, quando acontece na preparação para uma separação do grupo e do terapeuta”*. Já, César Vieira Dinis realçou: *“Muitas das zangas são resultantes da necessidade de separação em relação ao analista e que a sua expressão é dificultada pelos receios em relação à consciência de uma qualquer dependência do analista”... ..“As pessoas zangam-se para se poderem separar entre si”* (César Vieira Dinis).

Quanto às duas últimas questões, Margarida França declarou: *“A necessidade de ser analisado o problema do Complexo Édipo integrado no da Rivalidade Fraternal, pois uma pessoa debate-se sempre com o seu desejo de ser amado e de ser único”*.

B) Provenientes do Condutor/Grupalista:

❖ O Tipo de Personalidade do Grupalista

Quanto ao tipo de personalidade do grupalista foi dito por Sara Ferro o seguinte: *“A expressão da raiva pode ser facilitada ou impedida por parte do grupalista, através de uma posição de denegação da sua parte”*.

Por outro lado, Isaura Neto opinou: *“As maiores ou menores dificuldades em conseguir empatizar com a inveja do Outro, é uma das maiores dificuldades experienciadas pelo grupalista” ... e ...“Quando existem falhas empáticas por parte do grupalista, ele deverá sempre assumir o erro. O grupalista não deve ficar bloqueado com o erro a fim de poder prosseguir com o seu trabalho analítico”*.

❖ A Autoestima e a Resiliência Psicológica do Grupalista

Quanto à auto-estima e a resiliência do grupalista Sara Ferro chamou à atenção: *“entre as qualidades psicológicas necessárias para se lidar com os aspetos mais agressivos do grupo, elas passam pela convicção do grupalista em sobreviver aos ataques e em possuir dentro si nas suas fantasias, uma agressividade bem assumida, elaborada e simbolizada”* ou como Graça Galamba disse: *“devido às suas necessidades de gratificação à conta das suas falhas narcísicas (do grupalista), os aspetos agressivos nas comunicações dos membros do grupo não serão devidamente trabalhados e interpretados”*.

❖ Os Receios de Dissolução do Grupo por parte do Grupalista

Graça Galamba recorda o seguinte: *“Quando um grupalista está a orientar um grupo com poucos participantes, é natural existirem mais dificuldades em confrontar o grupo sobre os aspetos agressivos devido aos receios do grupalista sobre a dissolução do grupo”*.

❖ O Padrão Grupalítico e o Estilo de Intervenção do Grupalista

Para César Vieira Dinis: *“existe um maior risco para a expressão de acessos de raiva, quanto maior for a postura de abstinência dos grupalistas”*.

O padrão grupalítico e o estilo de intervenção do grupalista *“influenciam muito claramente, como ocorrem, os “droup-outs” e os “actings outs” dentro dos grupos (boleias, idas aos cafés), assim como, existe a possibilidade de se manterem certas alianças entre membros ou contra o analista (Isabel Fialho).*

César Vieira Dinis afirmou: *“uns dos aspetos mais importantes do **padrão grupalítico** era a convicção do grupalista e a sua autenticidade, isto é, como ser-se genuíno nas suas atitudes e comunicações”*.

❖ A Importância no Timing e no Modo como os Grupalista colocam as Regras de Funcionamento nos seus Grupos

Nessa ocasião, o autor terá dito: *“Se um grupalista não é claro na maneira como ele introduz as regras de enquadramento ou se estas ocorrem num “timing” desadequado, por exemplo, demasiado tardio, estas questões podem contribuir para dificuldades posteriores em lidar com os aspetos destrutivos dos processos grupais”* (Mário David).

Quanto aos Fatores Contributivos ligados ao Nível Grupal

Em Relação ao Enquadramento Grupal:

O Impacto da Experiência Grupal sobre o Narcisismo e a História Pessoal dos Participantes

Isaura Neto lembrou-se do que já tinha escrito: “*O grupo levanta, desde logo, alguns problemas e desafios ao narcisismo e aos antecedentes pessoais porque a experiência de grupo confronta, de imediato, os seus membros com uma realidade plural, a qual foi outrora traumatizante para todos: “a sua vida familiar e o luto pela relação idealizada com a mãe”.*”

A Seleção dos Candidatos para o Grupo

Foi Sara Ferro quem mencionou esta questão, afirmando: “*A seleção dos candidatos para a terapia de grupo, pode trazer, em si mesma, o gérmen da destrutividade para o grupo, por ex.: com um excesso de pacientes com patologia “limite” nos grupos institucionais*”.

Como Manejar uma Comunicação Reconhecidamente Agressiva

Quando nós estamos confrontados com uma dinâmica na qual se deu uma comunicação reconhecidamente agressiva, nós não devemos ter a compulsão de interpretá-la rapidamente, a menos que nós consideremos existir um risco de abandono do paciente (autor) ou de outro membro (vítima) ou ainda o risco de desagregação ou cisão eminentes no grupo.

Nestas situações, o grupalista deverá ter uma atitude mais ativa e rápida, utilizando todas as suas capacidades de empatia, de função α e a função contentora “*expondo a sua contratransferência propondo hipóteses interpretativas sob a forma dubitativa evitando sempre a onipotência que, em si, fomenta sentimentos de inferioridade e inveja dos analisandos, criando-se condições para a geração de maior destrutividade*” (Neto, 2000; pp.6) e segundo Isaura Manso Neto, nós devemos desenvolver desde logo, algumas estratégias, tais como:

- *Investigar as razões e as causas da zanga e do conflito?*
- *Tentar saber qual é o conflito desencadeante imediato da descompensação?*
- *Quais as linhas mestras das suas representações objectais e das relações de objecto internalizadas?* (Neto, 2000; pp.6)

A mesma autora (Neto, 1993, 2000) escreveu e explanou em diversas ocasiões os modos como nós, grupalistas, devíamos ter em conta certos momentos e seguir certos passos perante uma comunicação claramente agressiva:

1º Primeiro, é preciso reconhecer as comunicações agressivas sob as suas formas mais dissimuladas.

2º Nós devemos confirmar com o autor e com os outros elementos do grupo, as nossas leituras contratransferenciais, se estas estão corretas, pois, se a nossa contra atitude for inicialmente muito negativa, isto é, porque nós ficámos predominantemente irritados, a nossa interpretação irá ser naturalmente culpabilizante ou mesmo persecutória. Portanto, nós não devemos responder logo, nós devemos aguentar e refletir sobre os nossos sentimentos, mentalizando e elaborando sobre tudo o que foi exposto e somente quando a nossa contratransferência se modificar em algo de mais empático para com a pessoa ou a situação em questão, “isto nos permitirá que nós consigamos elaborar uma “interpretação completa...retirando-lhe o cunho persecutório, lesivo do narcisismo” (Neto, 1993;pp.22-23).

3º Estimular a expressão verbal por parte de todos os membros do grupo, dos afetos e as associações de ideias reativas à dita comunicação agressiva.

4º Se não surgir ainda um padrão analítico internalizado deverá ser estimulada a comunicação semilivre (Leal, 1993) sobre as comunicações hostis.

5º O grupalista, através da situação grupal, tentará promover a consciencialização e a elaboração pelo autor, através do chamado “treino do ego em ação” de M. Foulkes (1964/1970). Aliás, Isaura Manso Neto considera: “o setting grupal facilita a consciencialização da agressividade patológica, caracterial, mascarada pela racionalização e formação reativa” (Neto, 2000; pp.5).

6º O grupalista deve promover a capacidade de resposta espontânea reativa e natural dos Outros em relação ao ataque sentido pelo Self de cada um.

7º Nós (grupalistas) devemos treinar cada um dos presentes sobre como lidar com a sua agressividade de modo saudável e particular, em relação às suas formas de expressão, fundamentalmente verbal e colaborando no trabalho de restauração narcísica de cada um dos membros do grupo.

8º As intervenções do grupalista, tais como, sugestões, esclarecimentos, clarificações ou confrontações dirigidas ao membro do grupo que foi hostil, elas deverão ser realizadas dentro de um estilo de diálogo de estilo não persecutório, nem demasiado confrontativo ou insistente.

9º Eventualmente poder-se-á adiar alguma intervenção ou interpretação por parte do grupalista quando ocorram os seguintes factos: a comunicação agressiva não ter sido clara e totalmente entendida, como tal, pelo seu autor, nesse momento, o grupalista deverá reter o conteúdo desta comunicação dentro da sua memória, assim como, a consciência dos afetos contratransferenciais, numa elaboração silenciosa, aguardando por uma melhor explicitação para o seu reconhecimento e também num momento mais oportuno realizar uma intervenção ou uma interpretação adequada.

10º A compreensão de uma comunicação agressiva dificilmente se separa da sua elaboração e quanto à sua natureza, em termos do seu significado relacional, Isaura Neto elaborou uma classificação que tinha em conta, o tipo de processo relacional envolvido:

- a) Ser predominantemente transferencial, fazendo surgir sentimentos de estranheza e de incompreensão no grupo ou no psicoterapeuta.
- b) Ser uma repetição transferencial modulada pela contratransferência, sob a forma de recordações de dúvidas sobre comunicações daquela ou de sessões anteriores.
- c) Ser devido á reação a falhas empáticas ou comunicações hostis da parte do psicoterapeuta ou de qualquer membro do grupo.
- d) Ser predominantemente dirigida contra objetos do exterior.

(Neto, 2000; pp.6)

11º O grupalista deverá ter um conhecimento profundo das vicissitudes do Self, do Narcisismo e das Matrizes Inter-relacionais Internas Individuais (Leal, 1993) de cada membro e este conhecimento deverá ser obtido através de entrevistas prévias à entrada do grupo.

12º Deverá ter, em conta, as circunstâncias mais ou menos traumáticas específicas do grupo, como um todo, nomeadamente: férias, interrupções, mudanças de qualquer ordem, saídas e entradas de membros, introduções maciças da realidade do grupalista, etc.

13ª Não fomentar, nem estimular a emergência da agressividade ou de qualquer outro equivalente, pois “esta surgirá de modo natural pelas falhas empáticas e perturbações da comunicação que necessariamente ocorrem mesmo quando o amor predomina na relação” (Neto, 2000; pp.7).

A propósito do grupalista ser confrontado com uma situação de agressividade, o autor acrescenta uma outra sugestão (a 14ª) proposta por César Vieira Dinis, o qual sugere: “Se ele ficar intoxicado com as reações da sua contratransferência, ele deve aguardar para se aclarar, mas ele/ela não deve deixar acabar a sessão, sem interpretar a situação em questão”.

Alguns Exemplos Clínicos:

A) Situações de Agressividade com Risco de “Passagem ao Ato”

Quanto às situações de grande agressividade com risco de “passagem ato”, quando ser confrontado com comunicações ou mesmos gestos agressivos, João Azevedo e Silva avança muitas das vezes com a seguinte pergunta ao grupo: “o que pensam os membros do grupo sobre esta questão?”.

Por outro lado, César Vieira Dinis considerava: “o terapeuta deveria conter toda e qualquer tentativa de agressão com uma postura e atitude firmes e coerentes e, em situação limite, ele poderia ter de conter fisicamente um dos contentores, mas isso, naturalmente dependeria bastante da situação, do estilo e da personalidade do grupalista”. Aliás, para este grupalista didata: “a transgressão está sempre ligada a uma passagem ao ato e o que é importante, será impedir esta transgressão, será tentar que ela seja transferida para a consciência!” ... e ... “nós nunca devemos admitir uma transgressão consciente e permitir a sua auto absolução! (César Vieira Dinis).

Por seu lado, Ângela Ribeiro considerou: “*numa situação de agressividade, nós devemos ter em conta, se o agressor é um invejoso habitual ou alguém que teve somente um momento de inveja e ainda, nós devemos ter em conta, as características de personalidade do agressor e do agredido*”.

B) Manejamento de Dinâmicas ligadas às Invejas dos Analisandos:

Quanto ao manejo de dinâmicas ligadas às **invejas dos analisandos**, não interpretar a tempo, é promover o risco de abandono do grupo. No entanto, não se deve forçar esta interpretação ou clarificação, pois existe o risco de se ferir o narcisismo do destinatário, promovendo-se involuntariamente a defesa e mesmo a passagem ao ato com o conseqüente abandono do grupo. Alguns grupalistas consideram: “*os filmes entre irmãos*” são quase sempre estimulados pelo próprio grupalista” (César Vieira Dinis) e quanto situação de **inveja para com o analista**, este grupalista didata admitiu que ele faria uma intervenção num “estilo sujeitalista” recorrendo a metáforas de inspiração kleiniana.

Reflexões e conclusões Finais:

Ficou bem claro através dos testemunhos diretos de um número significativo de grupalistas portugueses reunidos numa sessão clínica organizado pela nossa Sociedade Científica, que o manejo adequado das manifestações de agressividade nos grupos era uma das tarefas mais difíceis, mas fundamental e necessária para uma boa evolução do processo grupalítico.

A experiência grupalítica é realmente muito útil e marcante devido às possibilidades abertas aos membros do grupo, para exprimirem as suas ideias, pensamentos e emoções/sentimentos através da **elaboração mental (“working-through”)** e da **matriz grupalítica**, esta última influenciada significativamente pelo **padrão grupalítico**, uma concepção teórica inspirada nas ideias de Eduardo Luís Cortesão, para quem a **conflitualidade e a agressividade** eram geradas dentro da **matriz grupalítica** e elas necessitam de serem elaboradas pelos participantes com o apoio das **diversas qualidades técnicas e pessoais do grupalista**, isto é, do **estilo pessoal**

do condutor, que é um dos componentes mais importantes do dito **padrão grupanalítico** (Cortesão,1988;1989;1991).

Entretanto o autor elaborou uma **classificação categorial** sobre as origens dos fatores contributivos considerados pelos presentes para a promoção de situações de agressividade durante as interações nos processos grupais, partindo do apuramento dos mesmos testemunhos.

No que se diz respeito **aos membros do grupo**, os fatores contributivos passariam pelas dificuldades narcísicas no funcionamento mental ou pela existência de núcleos psicóticos nos aparelhos mentais dos membros do grupo ou ainda por aspetos invejosos das suas Personalidades, pelas suas tendências agressivas inatas, pelas relações simbióticas na primeira Infância; pela rivalidade fraterna ou pelo complexo de Édipo.

No que diz respeito ao **condutor / grupanalista**, os fatores contributivos teriam origem no tipo de **Personalidade**; nos níveis de autoestima e de resiliência psicológica; nos seus receios sobre a dissolução do grupo; no modo como ele coloca as regras de funcionamento, enfim no seu estilo de intervenção.

Ao **nível do grupo, no seu todo**, os fatores contributivos estão relacionados com as questões do enquadramento grupal ou com outras condições prévias ao grupo, nomeadamente, com os impactos da experiência grupal sobre o narcisismo e a história pessoal dos participantes.

Depois seguiu-se uma **lista de sugestões e de indicações**, muito completa e compreensiva, **sobre como manejar as comunicações reconhecidamente agressivas nos grupos**, a qual tinha sido elaborada por Isaura Manso Neto à qual foi agora acrescentada mais uma outra indicação sugerida por César Vieira Dinis (14^a). Aquela autora sugere aos grupanalistas que eles revelem atitudes mais ativas e rápidas, utilizando todas as suas capacidades de empatia, função α e função contentora e que eles desenvolvem, desde logo, algumas estratégias de investigação, compreensão e perspetivação, em termos de representações objetais e das relações de objeto internalizadas (Neto, 2000; pp.6).

Resumo:

Este trabalho revela como os grupalistas portugueses pensam, elaboram e com a conflitualidade e as manifestações da agressividade nos grupos. O autor propõe uma classificação categorial de 2 níveis e com 3 diferentes tipos de origens para as manifestações de agressividade. Também se apresenta um conjunto de sugestões e dicas sobre como lidar com as comunicações verbais e não-verbais agressivas em particular aquelas que podem elevar os riscos de abandono e rutura nos grupos. Também realça ser o processo grupalítico, uma experiência humana útil e marcante, a qual permite a todos os membros do grupo, a possibilidade deles exprimirem as suas emoções e sentimentos, sejam elas positivas ou negativas e de os ajudar na mentalização através da matriz grupalítica, a qual vai sendo influenciada pelo padrão grupalítico, nomeadamente, pelo estilo pessoal do condutor.

Palavras-chave: Agressividade, Conflitos, Grupos, Grupalise, Padrão Grupalítico

Bibliografia

Bastos Rodrigues, T. (2004). Agressividade e Violência no Grupo: Elementos de Transformação e Construção. (ed.) Sociedade Portuguesa de Grupalise, *Revista Portuguesa de Grupalise*, pp.122-128.

Cortesão, E. L. (1988). O Padrão Grupalítico. *Revista da Soc. Port. De Grupalise, Grupalise, nº1 (Outubro)*, pp. 7-22.

Cortesão, E.L. (1991). Group Analysis and Aesthetic Equilibrium. *Group Analysis*, 24(3):271-7.

Cortesão. E.L. (1989/2008). *Grupalise – Teoria e Técnica*. (2ª Edição) (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupalise, Lisboa.

Dalal, F. (1998). *Taking the Group Seriously – Towards a Post-Foulkesian Group Analytic Theory*. (Ed.) Jessica Kingsley Publishers, International Library of Groupanalysis, nº 5, London & Philadelphia.

Foulkes, S.H. & Anthony, E.J. (1957/1984). *Group-Psychotherapy – The Psychoanalytic Approach*. (Ed.) Karnac, London.

Foulkes, S.H. (1964/1970). *Grupo-Análise Terapêutica*. (ed.) Pub.Europa-América, Col. Biblioteca Universitária, Lisboa.

Leal, M.R.M. (1983). Why group analysis works. In: Malcolm Pines (Ed.) *The evolution of group analysis*, London: Routledge and Paul Kegan, pp. 193-196 (tradução: in *Grupanálise*, nº2, Lisboa, 1990).

Molnos, A. (1986). Anger that destroys and anger that heals: handling hostility in group-analysis and in Dynamic Brief Psychotherapy. *Group Analysis*, Vol. 19(3):207-21.

Neto, I. M. (1993). “Agressividade e Narcisismo”. (Comunicação Oral). 2.º Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia de Grupo e 2º Congresso Nacional de Grupanálise, 11 de Novembro de 1993, Lisboa, Portugal.

Neto, I.M (1996). “*Empathic Failure - One of the Most Destructive Forms of Mental Functioning*”. (Oral Presentation). 10th European Symposium in Group Analysis “*Destruction and Desire*”, 24-29 August 1996, Copenhagen, Denmark.

Neto, I.M (1996a). “*A Perturbação Empática - uma das formas mais destruidoras do funcionamento mental*”. Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo. Vol. 3: pp-23-30. S. Paulo, Brasil.

Neto, I.M. (1999) - *The freedom and the capacity to say NO and its healing potential*. (Oral Presentation). EFPP 2º European Conference on Group Psychoanalytic Psychotherapy, 28-29-30 May, 1999, Barcelona, Spain.

Neto, I. M. (2000). *Agressividade – da Destrutividade à Elaboração*. (Comunicação Oral), 2º Encontro de Saúde Mental do Concelho de Cascais – Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital S. Francisco Xavier, 23 de Novembro de 2000, Lisboa, Portugal.

Neto, I.M. & Centeno, M.J. (2005). *Is there a crisis in Psychoanalysis and Group Analysis? Essence and Preconception*. Oral Communication presented at 34th GAS Winter Workshop – Group Analysis today: Concepts and Preconceptions, held in Lisbon, 12-15th January (em publicação?)

Neto, I.M. (2007). *Violência e Terrorismo: Maldade, Fundamentalismo, Fanatismo e Insight Social*. Comunicação Oral ao IX Congresso Nacional da Soc. Port. Grupanálise, no Hospital Miguel Bombarda, 19 e 20 Outubro, Lisboa.

Neto, I.M. & Vieira Dinis, F. (2010) *O Mal, a Maldade, Violência e Terrorismo*. (Ed.) Soc. Port. de Grupanálise, Rev. Port. de Grupanálise, pp: 87-101 (ver edição eletrónica: www.grupanalise.pt/revistaonline2010).

Nitsun, M. (1996). *The Anti-Group - Destructive forces in the group and their creative potential*. (Ed.) Routledge, International Library of Group Psychotherapy and Group Process, London & New York.

Pines, M. (1994). Elaboration of the Negative and Other Concepts: A tribute to Eduardo Cortesão. *Group Analysis*, Vol. 25(2): 150-167.

Salgado F. & Silva Pinto (2000). Rivalidade Fraternal em Grupalise. (ed.) Fim do Século. *Revista Portuguesa de Grupalise*, nº2, pp.46-58, Lisboa.

Salgado F. (2011) “Mais que Amigos, Eram Irmãos” – Amizade no Contexto da Fratria ou o Reverso da Rivalidade Fraternal. (ed.) Sociedade Portuguesa de Grupalise, *Revista Sociedade Portuguesa de Grupalise*, pp.23-31, Lisboa, (ver Edição Eletrónica: www.grupalise.pt/grupaliseonline).

Zimmerman D. (2000). Fundamentos Básicos das Grupoterapias, (Ed.) Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.